

ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME I

ANA R. LUÍS
COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PADRÕES NA APRENDIZAGEM DA ESTRUTURA
DE CONCORDÂNCIA EM PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

1. Introdução

A concordância em português apresenta inúmeras dificuldades para os alunos estrangeiros que estão a aprender português. Nesse sentido, propomos explorar neste trabalho algumas estruturas de concordância em português e, em seguida, com base na análise de um conjunto de produções escritas por alunos estrangeiros, verificar se existem padrões regulares na aprendizagem desta estrutura independentemente das línguas que conheçam e da sua proficiência.

Deste modo, tomámos como ponto de partida para a nossa investigação as seguintes questões: é possível definirmos um padrão na aprendizagem da estrutura de concordância em português por alunos estrangeiros, sem ter em conta o conjunto de línguas conhecidas pelo aprendente e respetivo nível de proficiência? Existirá, de facto, uma classe de palavras onde os alunos apresentem maior dificuldade em seguir as regras de concordância previstas para o português? E em que parâmetros (Número, Género ou Pessoa) apresentarão os alunos mais dificuldade?

Na tentativa de encontrar respostas para estas perguntas, analisámos um conjunto de produções escritas de alunos estrangeiros que frequentaram cursos de português para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra entre maio de 2009 e maio de 2010 (Martins 2011). O *corpus* que serve de base para o nosso trabalho é constituído por um conjunto de textos escritos sobre as mais variadas temáticas livres (passatempos, transportes, comidas favoritas, apresentar-se, etc.), de que aleatoriamente

foram selecionados 35, com origens diferentes (turmas ERASMUS LP II, LP III, Cursos de Férias, Curso Anual)⁵⁶.

90 Procedeu-se à seleção aleatória das produções, uma vez que se pretende verificar, neste estudo, quais as principais dificuldades dos aprendentes em relação à concordância nominal, sem estabelecer uma correlação direta com o nível de proficiência linguístico ou a língua materna dos aprendentes. Feito o trabalho de recolha, procedemos à sua análise, atentando nos desvios de concordância que cada texto apresentava, de modo a verificar que dificuldades os alunos apresentam na estrutura de concordância, mais especificamente na concordância nominal. Assim, verificámos de que modo os aprendentes estabelecem a concordância entre os elementos dos constituintes nominais e em que estruturas os desvios são mais recorrentes. Devido à natureza das produções, é possível identificarmos, inclusive através do processo de autocorreção do próprio aluno, padrões de marcação da concordância.

2. A estrutura da concordância nominal

A concordância é uma estrutura linear para o português, i.e., consiste na colocação reiterada das marcas de concordância em todos os elementos da frase, mas não o é para outras línguas onde de facto não encontramos uma correspondência direta com esta estrutura. Define-se como um conjunto alargado de regras que permitem aos falantes a boa formação de frases, e pode ser de dois tipos: concordância verbal e concordância nominal.

Para o presente trabalho, centrámo-nos na estrutura da concordância nominal, ou seja, no tipo de concordância que ocorre entre sintagmas (predicativo e sujeito) e dentro dos Sintagmas Nominais.

Neste sentido, apoiámo-nos na definição de concordância nominal proposta por Mateus *et. al.* (2003) que identificam nesta estrutura a presença

⁵⁶ Os textos utilizados foram selecionados a partir de um conjunto alargado de produções que integram o “Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2” (PEAPL2) (coord. Cristina Martins), projeto iniciado em junho de 2008, no Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível online em: <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/>.

de um sistema de valores que integra um conjunto de formas que se opõe entre si: o Parâmetro de Número (NUM) que tem dois valores opostos (Singular vs. Plural); e o Parâmetro de Género (GEN) igualmente com dois valores diferentes (Masculino vs. Feminino). Para marcar estes valores em português acrescentam-se, geralmente, índices temáticos no final das palavras. O Português é, por isso, uma língua que assinala o GEN e o NUM por marcação morfológica. As palavras que recebem estes morfemas são designadas por palavras variáveis que flexionam relativamente a um determinado atributo (NUM ou GEN). Assim, admitindo a marcação de GEN e/ou NUM no nome, centrámo-nos no levantamento dessas marcas nas palavras concordantes à esquerda e à direita do nome, ou seja, nos determinantes (artigos e quantificadores) e adjetivos.

91

Deste modo, verificamos que, no interior dos Sintagmas Nominais, a concordância se estabelece entre:

- i) O Núcleo Nominal e as expressões de determinação e quantificação que o antecedem – os artigos definidos ou indefinidos, os determinantes demonstrativos e possessivos e os quantificadores;
- ii) O Núcleo Nominal e os adjetivos integrados em Sintagmas Adjetivais que funcionam como modificadores ou apostos. (Mateus *et. al.* 2003)

3. Análise dos dados

3.1 A Marcação de Número

Feitas estas considerações gerais em torno da estrutura de concordância nominal, importa agora verificar que observações retirámos depois de analisar os dados do *corpus*. No que diz respeito à marcação de Número, constatámos que este parâmetro apresenta poucos casos problemáticos, isto é, comparado com os problemas que a marcação de Género apresenta, este parâmetro manifesta um número pouco significativo de problemas. Ainda assim, apesar dos poucos dados obtidos para a marcação deste parâmetro, foi possível verificar que os aprendentes apresentam maior dificuldade em

fazer a correta marcação do NUM na relação substantivo-adjetivo. Alguns textos apresentam desvios de concordância como⁵⁷:

- (1) **Informações novo*;
- (2) **Pessoas desonesta*;
- (3) **Os olhos verde*;
- (4) **Doces portugues*

92

Em boa verdade, são exemplos muito escassos, mas permitem identificar a tendência do aluno estrangeiro para marcar o NUM no nome e deixar o adjetivo na forma não-marcada, ou seja, no SING. Talvez, pelo facto de o substantivo ser o Núcleo Nominal é, no entender destes alunos, a palavra que deve sofrer essa marca de Plural. Tal padrão permite-nos constatar que o aprendente adquiriu a marca de NUM e a conseqüente distinção sintática entre o Singular/Plural, mas não domina ainda a noção de concordância no interior do Grupo Nominal. Estes casos são representativos de como o sentido é mais importante do que a forma. Estudos realizados nesta área revelam que durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira os alunos tendem a “selecionar” a informação dada pelo *input* da Língua-Alvo processando, nas primeiras fases, unidades linguísticas sentidas com maior valor *comunicativo*, deixando de lado os itens gramaticais (cf. VanPatten 1996).

3.2 A Marcação de Género

No que concerne à marcação de Género, identificámos, com base na análise do *corpus*, que os desvios de marcação são muito frequentes. Neste ponto da investigação, questionámo-nos sobre qual seria a classe gramatical que apresentaria um maior número de casos de desvios de marcação de GEN. E neste sentido pudemos constatar que é a classe gramatical dos determinantes a que apresenta maiores dificuldades, precisamente a classe

⁵⁷ Cf. Quadro 1.

	Código da produção ⁵⁸	Desvio na marcação de NUM no DET	Desvio na marcação de NUM no NOME	Desvio na marcação de NUM no ADJ	Desvio na marcação de NUM no ADV
1	UC. ER.LPIII.F. 06.09.01.52.2L			(...) umas conjuntos de estudantes, mas não são tão popular (...)	
2	UC. ER.LPIII.F. 06.09.06.52.2L				(...) amigos pertos (...)
3	UC.CA.I.A. 01.10.04.69.3Q			(...) informações novo (...)	
4	UC.CF.EB. 02.07.09.02.33.1J	(...) três semana (...)			
5	UC.ER.LPII.F. 06.09.10.1.1A			(...) umas pessoas desonesta (...)	
6	UC.ER.LPII.F. 06.09.13.1.1A			(...) os olhos verde (...)	
7	UC.ER.LPII.F. 06.09.17.1.1A	O meus pais (...)		(...) cabelos longos e claro (...)	
8	UC.ER.LPII.A. 12.09.01.55.2M			(...) doces portugues (...).	

Quadro 1 – Desvios na marcação de NUM

de palavras que permite identificar o género do nome (o núcleo do sintagma). Os aprendentes, geralmente, não fazem a correta concordância do Determinante com o Nome e colocam-no preferencialmente na forma não marcada, ou seja, no Masculino. Um dos fatores que pode condicionar esta tendência pode ser o facto de esta ser uma classe de palavras que, fazendo parte da estrutura interna do Sintagma Nominal, não apresenta, no entender do aprendente, muita importância do ponto de vista comunicativo. De facto, estes resultados corroboram os argumentos defendidos por Bill VanPatten

⁵⁸ O código da produção corresponde a um código geral que abrange informações distintas sobre o aprendente e o texto produzido. Para uma descrição detalhada deste código, veja-se <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/metodologia/>.

(1996), ou seja, no processamento do *input* de uma língua estrangeira, os aprendentes preferem processar itens lexicais do que a processar itens gramaticais, desenvolvendo um conjunto de estratégias que lhes permitam ultrapassar as várias dificuldades.

94

Desta forma, que hipóteses poderemos levantar que justifiquem estes desvios de marcação? Por um lado, se a LM do falante apresenta na palavra equivalente um GEN diferente, isso pode condicionar o aprendente na marcação do GEN da palavra portuguesa. Por outro lado, a própria natureza da palavra pode condicionar a opção do aprendente, ou seja, um aluno estrangeiro durante o seu processo de aprendizagem da marcação do parâmetro de GEN distingue mais facilmente, numa primeira fase, o valor de GEN das palavras cuja distinção de GEN Masculino/Feminino corresponda a uma diferença de sexo, do tipo *o menino/a menina*, ou seja, palavras em que a marcação de GEN é semanticamente pertinente. No entanto, em palavras que não apresentem essa correspondência, já surgem mais problemas. Assim, numa segunda fase, o aluno vai assimilar que todas as palavras terminadas em *-o* são do GEN Masculino e que as palavras que terminam em *-a*, são do GEN Feminino. Nesse caso, quando se depara com palavras que não seguem esta “regra” que generalizou, tende a errar a marcação de GEN (ex. *as problemas*)

Assim sendo, analisámos o *corpus* a partir destas variáveis na tentativa de encontrar um padrão regular de desvios de marcação de GEN, e que nos permitiriam aferir um padrão na aprendizagem da estrutura de concordância. Deste modo, a generalização da regra, característica das primeiras fases de aprendizagem de uma língua, aparece no Determinante⁵⁹:

(5) **Alguns modificações;*

(6) **No capital;*

(7) **Esta dia;*

(8) **O possibilidade;*

(9) **Estes atividades;*

(10) **Os paredes;*

(11) **As suas costumes;*

⁵⁹ Cf. Quadro 2.

- (12) **Os árvores;*
- (13) **todas as problemas;*
- (14) **o seu cerveja;*
- (15) **num empresa*

Com base nestes exemplos, constatou-se que: i) quando a palavra termina em *-a*, o aluno, por ter assimilado que todas essas palavras pertencem ao GEN Feminino, coloca o artigo também nesse GEN (**esta dia/*todas as problemas*); ii) em palavras que não terminam nem em *-o* nem em *-a*, o aluno coloca o artigo preferencialmente na forma não-marcada, ou seja, na forma masculina.

Durante a análise dos dados encontramos casos muito particulares, como os seguintes: a) **Esto bairro*; b) **Esto bar*; c) **Estos transportes*; d) **Esta dia*. Nestes exemplos, parece-nos ter ocorrido um fenómeno muito interessante: os aprendentes mostram que assimilaram a 1ª fase de marcação do GEN, que é a de saber que o nome tem GEN inerente e que ele tem de ser marcado nas palavras concordantes - em especial no Determinante. Mas ainda não aprenderam que as palavras que não terminam em *-o* não são necessariamente masculinas, e que o Determinante demonstrativo assinala o masculino com *este / estes*. Dessa forma, uma explicação possível para estas produções é a de que optam por escrever o Determinante também com a terminação *-o* para assinalar que se trata de uma forma do Masculino. O confronto com o exemplo **esta dia* corrobora esta conclusão: por se tratar de uma palavra terminada em *-a*, logo sentida como sendo do GEN feminino, apresenta a marcação de Feminino *esta*. Para atestar esta hipótese, em futuras investigações, seria relevante analisar um conjunto de produções escritas do mesmo falante, inclusive registos orais.

Existe ainda um outro tipo de desvios de marcação, que demonstram como, durante a aprendizagem, os aprendentes generalizam que a marca final da palavra determina o seu GEN. Esses casos são os seguintes:

- (16) **Os semestros;*
- (17) **Mundo um bocado mais alegre;*
- (18) **Estou contenta* (trata-se de um aprendente Feminino)⁶⁰

⁶⁰ Cf. Quadro 2.

Assim em (16), o aprendente em vez de *semestres* colocou *semestros* (para assinalar que se trata de um nome Masculino); em (17) também o adjetivo uniforme *alegre* sofreu essa alteração (optou por colocar *alegro e não alegre* para marcar o Masculino e concordando com o nome *mun*do). Em (18), como está a falar de si, de um determinado estado psicológico em que se encontra, a aluna optou por marcar o predicativo *contente* com *contenta* (adicionando-lhe a marca final, que associa ao GEN feminino -a).

	Código da produção	Desvio na marcação de GEN no DET	Desvio na marcação de GEN no NOME	Desvio na marcação de GEN no ADJ
1	UC. ER.LPIII.F. 06.09.01.52.2L	(...) alguns modificações (...) (...) umas conjuntos (...)		
2	UC. ER.LPIII.F. 06.09.07.77.3T			(...) população simpático (...)
3	UC. ER.LPIII.F. 06.09.09.33.1J	(...) um outro coisa (...)		
4	UC. ER.LPIII.F. 06.09.11.33.1J	(...) no capital (...) (...) esta dia (...)		
5	UC. ER.LPIII.F. 06.09.12.33.1J	(...) o possibilidade (...) (...) estes atividades (...)		
6	UC. ER.LPIII.F. 06.09.12.77.3T	(...) esto bairro (...)		
		(...) Os paredes (...)		
		(...) o possibilidade (...)		
		(...) esto bar (...)		
		(...) outros coisas (...)		
7	UC. ER.LPIII.F. 06.09.13.33.1J			(...) um pequeno dor (...)
8	UC. ER.LPIII.F. 06.09.22.52.2L	(...) o seu cerveja (...)		
9	UC. ER.LPIII.F. 06.09.23.52.2L	(...) as suas costumes (...)		
10	UC. ER.LPIII.F. 06.09.24.33.1J	(...) os árvores (...)		
11	UC. ER.LPIII.F. 06.09.28.33.1J		(...) os semestros (...)	
		(...) num empresa (...)		
12	UC. ER.LPIII.F. 06.09.29.33.1J	(...) alguns atividades (...)		
		(...) alguns vezes (...)		
		(...) outros vezes (...)		
13	UC. ER.LPIII.F. 06.09.30.33.1J			(...) composições bonitos (...)
				(...) mun do um bocado mais alegro (...)
14	UC. ER.LPIII.F. 06.09.31.33.1J	(...) um outra passatempo é a fotografia (...)		

15	UC. ER.LPIII.F. 06.09.32.77.3T			(...) uma casa mais bonito (...)
16	UC. ER.LPIII.F. 06.09.33.52.2L	(...) Os vantagens (...)		Os vantagens divertidos (...)
17	UC.CA.I.A. 01.10.01.33.1J	(...) o viagem (...)		
18	UC.CA.I.A. 01.10.04.69.3Q	(...) um vantagem (...)		
		(...) na parque (...)		
		(...) o organização (...)		
		(...) da dia do voo (...)		
19	UC.CF.EB. 01.07.09.01.33.1J			(...) água do mar é muito limpo .
20	UC.CF.EB. 02.07.09.01.33.1J	(...) estos lugares (...)		
21	UC.CF.EB. 02.07.09.05.33.1J	(...) no Internet (...)		
22	UC.ER.LPII.F. 06.09.08.1.1A	Um parte (...)		(...) cabelo loira (...)
23	UC.ER.LPII.F. 06.09.10.1.1A	Outro cidade (...)		
24	UC.ER.LPII.A. 12.09.08.1.1A	(...) dois semanas (...)		
25	UC.ER.LPII.A. 12.09.13.75.3S	(...) todas as problemas (...)		
26	UC.ER.LPII.A. 12.09.15.75.3S	(...) estos transportes (...)		(...) um viagem muito pessado (...)
		(...) um viagem (...)		
		(...) o viagem (...)		
27	UC.ER.LPII.A. 12.09.20.1.1A			(...) estou contenta (...)
28	UC.ER.LPII.A. 12.09.25.1.1A	(...) o cidade (...)		(...) um cidade pequeno mas cheio .
		(...) um cidade (...)		

Quadro 2 – Desvios da marcação de GEN⁶¹

4. Considerações finais

Em suma, todos estes dados nos permitem concluir que é possível definirmos um padrão na aprendizagem da estrutura de concordância por alunos de português como língua não-materna e mostram igualmente que este é um processo constituído por duas fases distintas, sendo a primeira a da generalização da regra segundo a qual todos os nomes têm género

⁶¹ Ver nota 58.

marcado no Determinante e a segunda a da generalização da regra: “nomes em *-o* são Masculinos e nomes em *-a* são Femininos”.

98 Igualmente, pelos exemplos analisados se verifica que os aprendentes tendem a assinalar os determinantes, respetivamente, com *-o* e *-a*, de acordo com a terminação que encontra no nome (como em **esta dia*). Nos restantes casos, há a tendência de o aluno para utilizar a forma masculina do determinante, i.e., na forma não-marcada. Além disso, os dados obtidos deste trabalho permitem confirmar a ideia de que o sentido tem prioridade sobre a forma na aprendizagem, tal como defendem os trabalhos de VanPatten (1996). Geralmente, os informantes tendem a “ignorar” as unidades gramaticais, valorizando, assim, as unidades lexicais sentidas como itens de maior valor “comunicativo”.

Referências

- Corder, S. P. (1992). La importancia de los errors del que aprende una lengua segunda. In: J.M. Liceras (1992). *La Adquisición de las lenguas extranjeras: hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Visor: Madrid, 31-40.
- Corbett, Greville G. (1991). *Gender*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- Franceschina, Florencia (2005). *Fossilized second language grammars - the acquisition of grammatical gender*. Amsterdam / Philadelphia, John, Benjamins.
- Martins, Cristina (no prelo). O *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA). Caracterização e desenvolvimento de uma infra-estrutura de investigação. In: Cristina Flores (ed.). *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa, Lidel.
- Mateus, Maria Helena et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho.
- Van Patten, Bill (1996). *Input Processing and Grammar Instruction*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Co.